



12 de junho - Dia de Conscientização da Cardiopatia Congênita

Jorge Yussef Afiane

Departamento Científico de Cardiologia da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP)

As cardiopatias congênitas são anomalias estruturais do coração que ocorrem na vida fetal e que podem afetar de formas variadas a função do sistema cardiovascular do feto, recém-nascido ou criança. Estudos epidemiológicos relatam uma incidência de 9 casos de cardiopatia congênita a cada 1000 recém-nascidos vivos, sendo considerada a principal causa de malformações congênitas na infância^{1,2}. No Brasil, houve cerca de 2,7 milhões de nascidos vivos no ano de 2021, o que representaria 24.000 bebês com cardiopatia congênita naquele ano. É importante ressaltar que este grupo de patologias apresenta uma grande heterogeneidade tanto do ponto de vista anatômico e fisiopatológico quanto do ponto de vista de gravidade clínica, sendo que cerca de 50% destas cardiopatias são consideradas cardiopatias congênitas graves e que necessitarão de algum tipo de tratamento especializado de alta complexidade (ex.: cirurgia cardíaca e/ou cateterismo intervencionista) logo nos primeiros dias de vida ou até o final do 1º ano de vida.

Nesse dia 12 de junho de 2023 que marca o dia nacional de conscientização da cardiopatia congênita, gostaríamos de chamar atenção aos grandes avanços que ocorreram em nosso país nos últimos 30 anos. Um recém-nascido que recebia diagnóstico de cardiopatia congênita grave na década de 90 apresentava uma baixa probabilidade de sobrevivência. Essa realidade mudou completamente. Ao longo desses anos pode-se observar grandes avanços na capacidade e disponibilidade de ferramentas para se diagnosticar adequadamente as cardiopatias congênitas no momento oportuno. Houve um aumento expressivo do número de cardiologistas pediátricos e ecocardiografistas fetais e pediátricos em todo país. A implementação do teste do coraçãozinho como ferramenta de triagem de cardiopatia crítica reduziu o número de recém-nascidos que recebiam alta das maternidades sem que se detectasse, em tempo adequado, a cardiopatia. Em breve teremos a incorporação da ultrassonografia obstétrica morfológica com rastreamento de cardiopatia fetal e ecocardiograma fetal na rotina do pré-natal. Por outro lado, os serviços terciários de alta complexidade em

cardiologia e cirurgia cardíaca pediátrica e neonatal se aprimoraram e ampliaram sua capacidade total de atendimentos. Procedimentos de maior complexidade passaram a ser realizados na maioria desses serviços, além de ter ocorrido a incorporação de novas tecnologias e novas formas terapêuticas das cardiopatias congênitas através de procedimentos realizados com cateterismo intervencionista. Essa fantástica evolução no diagnóstico e tratamento das cardiopatias congênitas em nosso país se deu em grande parte ao nosso sistema único de saúde (SUS), e isso precisa ser valorizado por cada um de nós.

Ao se analisar as taxas de mortalidade e as principais causas de morte na infância (0 a 5 anos de idade) no Brasil entre 1990 e 2015, através das estimativas do estudo Carga Global de Doença (Global Burden of Disease – 2015), pode-se observar uma redução significativa nessas taxas, que passaram de 52,5/1000 para 17/1000 nascidos vivos. Algumas estratégias no SUS foram fundamentais para se conseguir esse expressivo declínio da mortalidade infantil no Brasil tais como a melhoria no atendimento materno e ao recém-nascido, melhorias nas condições de vida e na atenção à saúde da criança, políticas de assistência social com programa de transferência de renda além da redução da prevalência da desnutrição infantil e do aumento na taxa de aleitamento materno³. Neste mesmo estudo pode-se observar que em 2015 as principais causas de mortalidade na infância passaram a ser a prematuridade (3,18/1000) e as anomalias congênitas (3,06/1000), responsáveis por 40% do total de óbitos infantis³. Entretanto, embora tenha havido uma sensível redução da taxa de mortalidade infantil no Brasil ao longo dos últimos anos, infelizmente a nossa posição no cenário mundial não é boa.

Em 2020 ocupávamos apenas o 94º lugar de um total de 190 países (fonte: Fonte: CIA World Factbook) o que contrasta com o fato de sermos a 12ª maior economia do mundo em 2022 (Fonte: World Economic Forum).

Embora tenha havido grande progresso nesse indicador de saúde infantil, o Brasil pode fazer muito mais! Reduzir as taxas de mortalidade infantil nos próximos anos necessita passar invariavelmente pela melhoria na assistência do bebê com cardiopatia congênita em nosso país. É preciso garantir atendimento de qualidade a um número maior desses bebês, principalmente nas regiões mais distantes dos grandes centros. Melhorias no processo de estratificação de gravidade dos pacientes disponibilizando acesso rápido aos centros de referência são urgentemente necessárias. Integrar o diagnóstico fetal das cardiopatias críticas ao tratamento pós-natal destes bebês é fundamental. Além disso, os centros de referência também necessitam de investimentos para poderem obter melhorias tecnológicas e de qualificação de seus recursos humanos e com isso poder obter melhores resultados com o tratamento cirúrgico e intervencionista destes bebês. Quando se observam dados mundiais, percebe-se que a mortalidade decorrente de cardiopatia congênita foi reduzida em cerca de 35% no período de 1990 e 2017, entretanto essa redução ocorreu principalmente nos países de 1º mundo, sendo que atualmente a grande maioria dos óbitos em cardiopatias congênitas acontecem nos países pobres e em desenvolvimento, incluindo o Brasil⁴. Essa é uma realidade que precisamos melhorar!

Do ponto de vista econômico, diagnosticar e tratar adequadamente o bebê cardiopata com cirurgia cardíaca apresenta uma relação custo-efetividade bastante significativa em

países em desenvolvimento. Em um estudo realizado recentemente com uma coorte de 424 crianças com até 16 anos de idade que foram submetidas a cirurgia cardíaca, foi encontrado um valor de custo-efetividade de apenas US\$171,00 *per DALY* (anos de vida ajustado por incapacidade).

Neste dia 12 de junho de 2023, é preciso termos a consciência de que tivemos muitos avanços no diagnóstico e tratamento das cardiopatias congênitas nos últimos anos, mas o Brasil pode muito mais... ainda há muito o que fazer para atingirmos um nível de atendimento comparável aos países mais desenvolvidos.

- 1- Yingjuan Liu et al. Global birth prevalence of congenital heart defects 1970–2017: updated systematic review and meta-analysis of 260 studies. *International Journal of Epidemiology*, 2019, Vol. 48, No. 2, 455-63
- 2- Julien IE Hoffman. the global burden of congenital heart disease. *Cardiovasc J Afr* 2013; 24: 141–145
- 3- Elisabeth Barboza França et al. Leading causes of child mortality in Brazil, in 1990 and 2015: estimates from the Global Burden of Disease study. *Rev Bras Epidemiol* 2017; 20 suppl. 1: 46-60
- 4- GBD 2017 Congenital Heart Disease Collaborators. Global, regional, and national burden of congenital heart disease, 1990–2017: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2017. *Lancet Child Adolesc Health* 2020; 4: 185–200
- 5- Marcelo Cardarell et al. Cost-effectiveness of Humanitarian Pediatric Cardiac Surgery Programs in Low- and Middle-Income Countries. *JAMA Network Open*. 2018;1(7): e184707